

Crise no Brasil põe pressão sobre FMI e ameaça a Argentina e o México

POR MICHAEL M. PHILLIPS

Repórter do THE WALL STREET JOURNAL

WASHINGTON — Com o Brasil à beira do caos financeiro, o Fundo Monetário Internacional está se debatendo para proteger as próximas possíveis vítimas da volatilidade global: a Argentina e o México.

Depois que o Brasil rasgou seu plano de voto esta semana ao desvalorizar o real, o presidente do FMI, Michel Camdessus, assegurou as autoridades argentinas e mexicanas que o fundo está pronto para fornecer novos financiamentos para manter distantes futuras instabilidades.

A Argentina tem uma linha de crédito de três anos do FMI no valor de US\$ 2,9 bilhões e pode sacar US\$ 840 milhões imediatamente. Um porta-voz do FMI informou que Camdessus disse ao ministro da Fazenda, Roque Fernández, que “os valores podem ser aumentados se necessário”. Ele ofereceu garantias similares ao secretário da Fazenda mexicano José Angel Gurria.

O México não tem linha de crédito do FMI. Mas, preocupado com a disseminação da crise global, há meses o governo do país tem estado em profundas negociações com o FMI sobre um possível empréstimo.

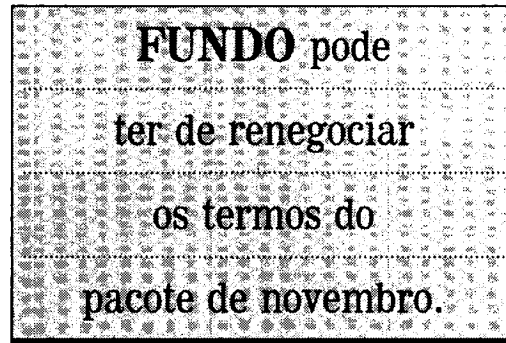
“É assim que o mercado pensa — tão logo as notícias sobre o Brasil foram ao ar, eles estavam ponderando quem poderia ser o próximo”, disse Barry Eichengreen, um economista da Universidade da Califórnia. “É de se esperar que o FMI pense da mesma maneira.”

O empréstimo de US\$ 41,5 bilhões que o FMI liberou em novembro para ajudar o Brasil deveria ser o dique para impedir que o pânico do investidor inundasse a América Latina. Em troca, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso concordou em cortar o enorme déficit orçamentário federal para convencer os investidores a manter seu dinheiro no país. O acordo com o FMI também previa a manutenção da política cambial de bandas com depreciação gradual.

Mas o presidente brasileiro só foi capaz de convencer políticos recalcitrantes a aceitar algumas das propostas orçamentárias, e na quarta-feira o Brasil permitiu que o real caísse 8,3% em relação ao dólar.

O resultado foi caótico: os investidores continuaram a sair do país e o índice Bovespa despencou outra vez ontem.

Os acontecimentos puseram o FMI numa situação difícil. O fundo e autoridades brasileiras devem renegociar os termos do empréstimo, já que a desvalorização tende a aumentar o montante que o governo tem de pagar pelo



serviço da dívida. A queda do real também pode interferir nas metas de endividamento acordadas com o FMI.

Se Fernando Henrique não conseguir cumprir suas promessas, o FMI e seus patrocinadores no Tesouro americano terão de decidir se cortam a operação de resgate. Não é um dilema pequeno. Por um lado, a credibilidade do FMI como um bombeiro financeiro global sofre se os países socorridos ignorarem os conselhos do fundo. Por outro, o Brasil, a nona maior economia do mundo, continua sendo visto como uma peça-chave para manter a América Latina economicamente saudável.

Desde que a Rússia desvalorizou o rublo e declarou a moratória de parte da dívida interna em agosto, o FMI vem se recusando a fornecer novos recursos para a ex-superpotência,

temendo jogar dinheiro num poço sem fundo. As decisões russas deflagraram a corrida no Brasil e reduziram temporariamente a disponibilidade de crédito no mundo todo.

“Os mercados internacionais de capital estão muito mais normais hoje do que estavam três meses atrás”, disse uma autoridade do FMI. No entanto, o fundo está preocupado quanto ao impacto que o Brasil pode ter sobre a Argentina, o México e o resto da região. De fato, as bolsas de valores despencaram tanto no México quanto na Argentina por causa dos acontecimentos no Brasil.

“Não dá para você imaginar um cenário em que o FMI ficaria de fora”, disse Richard Medley, presidente da Medley Global Advisors, uma firma de análise de risco com sede em Nova York.

Além de tudo, os problemas no Brasil aumentam as dúvidas sobre a viabilidade das linhas de crédito pré-aprovadas do FMI, que foram propostas pelo presidente americano Bill Clinton no semestre passado. A proposta de Clinton tinha o objetivo de fornecer amplos recursos a países com políticas econômicas prudentes antes que eles fosse atingidos pelo pânico financeiro.

Coincidentemente, o conselho executivo do FMI estava discutindo a idéia no mesmo dia em que o Brasil desvalorizou o real. Mas o grande pacote de resgate do Brasil deveria ter sido um modelo de como essa idéia deveria funcionar. Até agora, o Brasil é simplesmente um lembrete de que se as políticas econômicas são ruins, o dinheiro pode não ajudar.

O deputado federal americano Bill Archer, do Partido Republicano e que chefia uma comissão encarregada do orçamento, reuniu-se com Fernando Henrique em Brasília na quarta-feira, e voltou aos Estados Unidos “encorajado” pelo comprometimento do Brasil com a reforma econômica.

“O mundo está observando o que o Brasil faz, porque o que acontece com o Brasil pode ter consequências por toda a América do Sul e nos EUA”, disse Archer, ontem.